



A força de uma devoção mariana

Margarida Maria Moura

*A Libertação de Cativos sob o Manto de Nossa Senhora dos Remédios,
de Lidice Meyer Pinto Ribeiro, Curitiba, Prismas, 2016, 277 pp.*

A

presentada como monografia de pós-doutoramento realizada no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e acompanhada no seu intento pelo professor João Baptista Borges Pereira, está-se diante de um trabalho raro, pela temática pesquisada, agora transformada em livro. Explicome. As monografias antropológicas têm se dedicado maciçamente ao entendimento de culturas que fogem ao designativo de formas dominantes da vida religiosa ocidental, e aqui destaco o catolicismo pontifício, sacramental e, portanto, oficial.

O grande antropólogo Edmund Leach foi uma exceção a essa ausência, enveredando corajosamente no caminho desse catolicismo, através da análise de textos bíblicos acatados por essa importante linhagem do cristianismo. Na conferência “Nascimento Virgem”, publicada em *Proceeding of the Royal Anthropological Institute* (1966) e encontrada

em português no volume *Edmund Leach*, da coleção Grandes Cientistas Sociais, organizado por Roberto DaMatta, com a coordenação de Florestan Fernandes, afirma:

“O mito cristão é compatível com um sistema social que é essencialmente patriarcal, em que se admite que os governantes sejam tão superiores aos governados, que diferenças de classes quase se ossificam em castas, uma sociedade em que os senhores jamais se casam com pessoas de castas inferiores, mas em que graciosamente se dignam a tomar escravas como concubinas e a elevar seus filhos à altura da elite. Tais sociedades de fato repetidamente surgiram na cristandade, especialmente em Bizâncio e no Brasil do século XVIII, países nos quais o culto da Virgem era excepcionalmente bem desenvolvido. Seria necessária muita pesquisa cui-

MARGARIDA MARIA MOURA é professora do Departamento de Antropologia e do Diversitas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

dadosa para se descobrir se esta correlação não é apenas acidental, mas parece ser uma característica notável do colonialismo católico (que o distingue claramente da variedade protestante)”.

Na interpretação etnográfica feita por Leach, a figura bíblica da Virgem Maria encontrada no Evangelho de Lucas (Lc 1, 26-38) afirma, ao anjo Gabriel que a visita, que ela é “serva do Senhor”, que acolhe a sombra do Espírito Santo e, por essa razão e aceitação, se torna “bendita” porque vai gestar e dar à luz ao Filho de Deus, Jesus Cristo. Nesse cenário, creio que efetivamente o mito, bem como o rito, estabelecem categorias e afirmam relações, podendo-se entender o papel mediador através da invocação e devoção à Virgem Maria, no presente trabalho como Nossa Senhora dos Remédios.

Devoção e invocação estas que se manifestam principalmente na França e em Portugal, além de outros países, como intercessora especialíssima na libertação de cativos cristãos aprisionados por muçulmanos na época das Cruzadas. Isso se dá a partir de 1199, tendo como nascedouro Cerfroid, no Nordeste da França. Sua condição de Virgem libertadora está bem expressa em figurações e imagens que se fazem dela: o exemplo mais fascinante está justamente na gravura da capa do livro *A Libertação de Cativos sob o Manto de Nossa Senhora dos Remédios*, de Lidice Meyer Pinto Ribeiro. Nela, a Virgem se manifesta a meio caminho entre o céu e a terra e segura com seu braço esquerdo o filho-menino Jesus, enquanto o braço direito estendido segura na mão a bolsa com moedas para pagar a libertação dos cristãos aprisionados e, portanto, em cativo. A bolsa é entregue a São João da

Mata, fundador da Ordem Trinitária, a qual Maria protege e patrocina para remediar ou redimir a situação dos cativos. Seus dois braços têm funções bem distintas: o esquerdo, lado do coração, abriga e resguarda o sagrado na pessoa infantil de Jesus; o direito oferece os recursos profanos para que seu uso sirva a um determinado papel histórico que ela vai amadrinhar.

O livro disserta sobre a origem da devoção à Nossa Senhora dos Remédios em Portugal nos dias atuais, a presença dos trinitários e a sua devoção no Brasil, a igreja a ela consagrada em São Paulo e as assimilações e as combinações entre a invocação à Nossa Senhora dos Remédios e à Nossa Senhora do Leite.

Chegando ao Brasil no século XVI, seu papel se amplia no sentido de proteção aos desvalidos das mais variadas carências. É de se imaginar que sua devoção não proteja somente os brancos pobres – população abundante na Colônia –, mas que esteja amparando ameríndios e africanos, depois afro-brasileiros. Pode-se observar a formação de diversas confrarias e capelas em sua homenagem, situadas em áreas de atuação abolicionista, com especial destaque para a capela construída em São Paulo, capital da província. Com relação às confrarias, desenvolveram-se empreendimentos diretamente ligados à luta pela abolição da escravatura. A autora destaca dentre essas ações a formação dos caifazes, grupos de abolicionistas paulistas, que se reuniam nas dependências da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios – localizada na Praça João Mendes, hoje demolida – e insuflavam a fuga em massa das fazendas, protegendo os fugitivos de modo a conduzi-los até os quilombos de Santos. Seu líder foi Antonio Bento, que ficou conhecido pelo

seu jornal abolicionista *A Redenção* e pela criação de uma escola para crianças negras, ambos sediados na Igreja dos Remédios.

Com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, a devoção à Nossa Senhora dos Remédios fica cada vez mais ligada ao ato de remediar situações urgentes de doença e cura, já presente na cultura brasileira através de outros comportamentos culturais, como os benzedores(as) e curandeiros(as), pois há registros, em capelas dedicadas a essa padroeira, de gratidão por curas através de orações e medicinas receitadas pelo seu patrocínio e intervenção. Contemporaneamente no meio urbano brasileiro – e aí retorna o papel da igreja oficial –, desliga-se parcialmente a invocação da ideia de remédio para a ideia de redenção de seres humanos em estado de carência e privação. Precisa-se, contudo, conhecer melhor o que acontece nos bairros rurais, nas grotas e comercinhos dos sertões da sociedade brasileira, onde se pode apostar, sendo muitas vezes possível comprovar, na permanência das invocações com os sentidos tradicionais de tratamento e cura.

A obra contém farta bibliografia e consulta a documentos manuscritos de grande valor, encontrados em acervos da Cúria

Metropolitana de São Paulo, da Biblioteca Nacional de Lisboa, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e do Arquivo Histórico Ultramarino, os três últimos sediados em Portugal. Tem especial destaque a documentação pesquisada no Arquivo do Vaticano, de acesso restrito. Consta também um relevante levantamento iconográfico realizado em diferentes países, com foco nas imagens marianas, com destaque para a devoção à Nossa Senhora dos Remédios.

O livro consubstancia uma descrição densa, que tem a possibilidade de adentrar uma antropologia de cunho mais interpretativo. Segue-se, nesse sentido, a proposta de E. Leach no artigo já citado:

“As peças de cada padrão precisam vir de um único contexto, não se podendo, pois, aceitar a técnica do método comparativo [...] no qual fragmentos de evidência são tirados daqui, dali e de toda a parte. Por outro lado, não precisamos ser funcionalistas até o fim e descrever *toda* a evidência de cada contexto. [...] Queremos distinguir a variedade de formas pelas quais um único padrão etnográfico pode se manifestar e depois examinar a natureza dessas variações”.